

## ENTRE PRÁTICAS DE ESCRITA E DE LEITURA: AS ESCRITURAS ORDINÁRIAS NO EPISTOLÁRIO PORTINARIANO

MARIA DE FÁTIMA FONTES PIAZZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA).

### Resumo

A presente comunicação tem como objetivo perscrutar no epistolário portinariano – no que Jean Hébrard cunhou como as “escrituras ordinárias” –, aí incluídas as cartas entre o pintor Cândido Portinari (1903–1962) e sua irmã 19 anos mais moça, Inês Portinari [Pinto de Carvalho] (1922). No conjunto epistolar, o que chamou atenção foi uma carta do pintor para sua irmã Inês, com papel timbrado da recém-fundada e efêmera Universidade do Distrito Federal (UDF), na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, onde desde julho de 1935 lecionava pintura mural e de cavalete no Instituto de Artes. Essa carta que compõe o epistolário do pintor permite vislumbrar o entrecruzamento de práticas de escrita e de leitura de uma jovem moradora de Brodósqui, no interior do Estado de São Paulo. Também, permite perceber como se desenvolviam as relações de gênero nas primeiras décadas do século XX e, conseqüentemente, os padrões de comportamento e os códigos de conduta impostos à uma adolescente interiorana no âmbito da cultura letrada. Algumas hipóteses devem ser levantadas: Quais os livros que Inês lia? Por que o pintor de Brodósqui manifestou preocupação com a leitura das obras de Machado de Assis? Ao que parece, o perigo estava na leitura de um romance por uma moça e no retiro da solidão, advém daí a sugestão do irmão, que adota a postura de um patriarca: “Você deve ler em voz alta para ella [sua irmã Pellegrina Portinari, Tata] também, mas antes pergunta ao pae ou ao Zé o livro que serve”.

### Palavras-chave:

práticas de leitura, epistolário, gênero.

Ao perscrutar o epistolário do pintor Cândido Portinari (1903-1962) existente no Projeto Portinari, encontram-se desde correspondências com epígonos do campo cultural e político, como escritores, poetas, jornalistas, críticos de arte, bibliófilos, artistas gráficos e plásticos, curadores, historiadores, *marchands*, ministros, deputados, burocratas, entre outros, até as “escrituras ordinárias” - expressão cunhada por Jean Hébrard para definir correspondências familiares, memórias, recibos - valiosas fontes para a micro-história de uma família de imigrantes, cujo segundo filho torna-se um grande pintor na primeira metade do século XX (FAUSTO, 2009).

Uma carta do pintor à sua irmã Inês Portinari [Pinto de Carvalho] (1922-2002) chamou à atenção, com papel timbrado da recém-criada e efêmera Universidade do Distrito Federal (UDF), fundada por Anísio Teixeira, na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, onde desde julho de 1935, Portinari lecionava pintura mural e de cavalete no Instituto de Artes[1]. O suporte da carta em papel com timbre “Prof. Candido Portinari - Chefe da 16ª Seção Didática da Universidade do Distrito Federal” revela o capital social do remetente, um pintor que começava a se destacar no cenário artístico nacional e internacional: premiado em 1935, com a segunda menção honrosa do *Carnegie Institut*, nos Estados Unidos e ocupava uma cátedra numa universidade que prometia inovar e revolucionar o ensino no Brasil, daí foi um passo para as encomendas do Ministério da Educação na gestão de Gustavo Capanema.

Essa carta que compõe o epistolário portinariano permite vislumbrar o entrecruzamento entre práticas de escrita e de leitura de uma jovem, que nasceu em Brodósqui, no interior do Estado de São Paulo, na região da Alta Mogiana e que acabava de se mudar para a capital paulista para dar prosseguimento aos seus estudos. Também, permite perceber como funcionavam as relações de gênero nas primeiras décadas do século XX e, conseqüentemente, os padrões de comportamento e os códigos de conduta impostos a uma adolescente interiorana no âmbito da cultura letrada. Eis o teor da carta:

Querida Inez

Acho bom você não aumentar a idade. O que voce tem vontade de estudar? Manda-me dizer. Voce desistiu da bicicleta não é? É um esporte muito vulgar - bom para homens. Uma moça educada não faz esse gênero de esporte. Voce tem lido muito, na carta que mandou ou não fala. Você deve ler muito, mas só bons livros. Os livros do Machado [de Assis] são bons, mas há muitos que você não deve ler ainda. Como é voce tem subido muito as escadas? Como é e a Tata [Pellegrina Portinari] não escreve?

Você deve ler em voz alta para ella também mas antes pergunta ao pae ou ao Zé o livro que serve. Não faça amizades com os vizinhos. Se por uma circunstancia qualquer você tiver que falar a um vizinho fale cerimoniosamente e não convide a visitar. Quando sahir de casa você deve fazel-o acompanhada ou da mãe do pae do Zé [Antônio Portinari] ou do Loy [Luiz Portinari]. Espero que eu não esteja falando a tóa, pois o meu tempo é precioso - hoje trabalhei muito e agora, mesmo cansado estou escrevendo a voceis. Abraços e beijos do Candinho.

Escreve logo[2].

Uma primeira questão precisa ser colocada no âmbito dos estudos epistolográficos: a carta que motivou esta resposta não foi encontrada, nem as subseqüentes, no Projeto Portinari, onde está depositado o epistolário[3], o que permite algumas considerações sobre essa prática cultural, os epistolários são sempre lacunares e a troca epistolar não acompanha a trajetória de vida dos missivistas. Porque, as correspondências remetem ao ato de escrever, ler, responder e guardar cartas, aí o remetente, o pintor Cândido Portinari era avesso a esse tipo de prática de escrita, quem cuidava de responder e guardar as cartas era sua esposa, Dona Maria Portinari. Convém ressaltar que, essa carta foi escrita à mão pelo missivista.

Também, as "cartas são um tipo de escrita que tem fórmulas muito conhecidas, porque aprendidas, inclusive nas escolas, como a datação, o tratamento, as despedidas e a assinatura, além de um papel mais apropriado, um timbre/uma marca, um envelope, uma subscrição correta"(GOMES, 2004: 20). A correspondência pessoal, é assim

[...] como outras formas de escrita de si, expande-se *pari passu* ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a afirmação do valor do indivíduo e a

construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. Tais códigos permitem uma espontaneidade das formas de expressão dos sentimentos como a amizade e o amor; uma espécie de "intimização" da sociedade (GOMES, 2004: 19).

Uma outra questão que merece ser apontada é que "o gênero das correspondências familiares inventa-se fora dos caminhos balizados pela norma e pelos modelos, na encruzilhada da história das práticas de escritura e da história da família", como chamam à atenção Cécile Dauphin e Danièle Poublan (DAUPHIN & POUBLAN, 2002: 86). Para essas analistas:

Manter uma correspondência não depende somente de competências (extensão da alfabetização) ou de incitações infra-estruturais (serviço postal, abertura econômica), mas, de maneira mais profunda, essa prática se enraíza em um modelo de comportamento, em uma maneira de viver o vínculo social e de estreitar relações. [...] a correspondência familiar, como gênero, nasce no ponto de contato entre a palavra e o real, entre uma linguagem possível e circunstâncias que se atualizam através do trabalho de escritura.

É no espaço epistolar que o mundo familiar compartilha alegrias, tristezas, júbilos, medos e valores. A carta de Candinho para Inês, 19 anos mais moça que o irmão, revelou a orientação e a preocupação do pintor com a formação da irmã, que naquele momento, contava com 12 para 13 anos de idade e acabava de se mudar para a cidade de São Paulo para dar continuidade aos estudos, com o curso ginásial e o científico. Segundo depoimento de Dona Inês, em Brodóski só havia o curso primário, ou seja, o grupo escolar com as quatro séries iniciais.

A carta revelou que seu irmão representava a "figura de um patriarca", zelando pelos irmãos. Cândido era o segundo de uma prole de doze filhos de Baptista Portinari e de Dominga Torquato, italianos da região do Vêneto, que se estabeleceram com outros imigrantes na região cafeeira do noroeste paulista. Inês era a décima-primeira dessa imensa prole, que depois da capital paulista foi morar no Rio de Janeiro com o irmão e a cunhada (Cândido e Maria Portinari) e os acompanhou em viagens aos Estados Unidos, no exílio em Montevidéu, à Argentina e à França. Inês fugiu aos padrões das mulheres da sua geração, realizou sua formação superior em Biblioteconomia e trabalhou na Biblioteca Nacional.

Esta carta de Portinari para Inês, permitiu perceber como se desenvolviam as relações de gênero nas primeiras décadas do século XX. Portinari tinha noções rígidas de padrões de comportamento e de códigos de conduta, por isso, ditava normas para a irmã, como a de que a bicicleta era um esporte "muito vulgar", "bom para homens" e que "uma moça educada não faz esse gênero de esporte".

Quanto aos outros conselhos, como "sair de casa", o pintor assumia uma postura de "protetor", porque as suas recomendações incluíam: "Quando sair de casa você deve fazel-o acompanhada ou da mãe do pae do Zé [Antônio Portinari (1908-1995)] ou do Loy [Luiz Portinari (1917)]". Entre os padrões de comportamento da época, não cabia a uma moça sair de casa desacompanhada, porque poderia se tornar uma "mulher falada".

Também, a carta revelou que as práticas de leitura e de escrita estão imbricadas no universo da cultura letrada. O "refúgio do eu" - a escrita de si - da jovem interiorana que omite do irmão, os seus livros de leitura. O que esse excerto deixa entrever é a responsabilidade com que Portinari se incumbia, dando conselhos, indicando leituras e práticas de leituras, além de ditar códigos de comportamento e padrões de conduta. Algumas hipóteses devem ser levantadas: Quais os livros que Inês lia? Por que o pintor de Brodóski manifestou preocupação com a leitura das obras de Machado de Assis?

A primeira questão diz respeito ao contato livro/leitora, que na opinião de uma especialista: "tendia a ocorrer nos momentos em que a "menina-moça" estava buscando encontrar a si mesma, quando estava buscando uma identidade, plasmar uma compreensão de si mesma e do mundo" (CUNHA, 1999: 72). Essa analista apontou que: "a leitura não era livre. Tutores, padres e maridos selecionavam o que as jovens mulheres deveriam ler. Havia um cuidado excessivo na seleção de obras, temas e autores e, assim, as leituras eram sempre autorizadas no plano das representações dos romances"(CUNHA, 1999: 90). Como assinalou Maria Teresa Santos Cunha, além dos perigos que acompanhavam a leitura do romance, "a leitura parece atuar, assim, como uma das práticas constitutivas da intimidade individual, colocando a leitora em contato direto com suas emoções e pensamentos, em solidão e recolhimento"(CUNHA, 1999: 63).

A segunda questão diz respeito ao que uma moça deveria ler. Portinari chama à atenção para os livros do Machado de Assis, que "há muitos que você não deve ler ainda". Aqui, os livros e as leituras ficam no terreno das hipóteses, porque Dona Inês em entrevista disse que lia muito, mas não indicou os livros, nem as suas leituras preferidas. As leituras proibidas seriam por acaso, *Dom Casmurro* com a suposta traição de Capitú? Sendo que *Helena* e *Iaiá Garcia* são citados em pesquisa, como os preferidos dos moços, porque são romances muito puerís, de fácil assimilação e que remetem à namoricos e moçinhas casadoiras, muito ao gosto do romantismo oitocentista.

No romance *Helena*[4] (MACHADO DE ASSIS, 1937: 57-58), a personagem que dá título ao livro, inicia um diálogo que mostra a preocupação dos irmãos, pais e tutores com as leituras das moças. A personagem dissera que foi procurar um livro na estante de Estácio e ele pergunta:

- E que livro foi?

- Um romance.

- Paulo e Virgínia?

- Manon Lescaut.

- Oh! Exclamou Estacio. Esse livro...

- Exquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá puz outra vez.

- Não é livro para moças solteiras...

- Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena, rindo e sentando-se à mesa. Em todo caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria ... e confesso que tive um desejo ...

Para o educador e signatário do manifesto escolanovista, Lourenço Filho que publicou em 1928, uma pesquisa intitulada *O que os moços lêem*, onde fez o seguinte comentário das conclusões:

Causou-me espécie, por exemplo, encontrar tão avultado número de Machado de Assis .... mas é que o Machado de Assis das moças é o Machado de *Helena e Iaiá Garcia*, que não é o de *Brás Cubas* ou *Quincas Borba* [...] Aqui apenas prevalece certo interesse psicológico, o título...(REIS, 1991: 94).

Convém ressaltar que, a leitura dos romances: "era tida como grande perigo pois fazia com que se perdesse tempo precioso, com que se corrompesse o gosto e que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis"(ABREU, 2009: 2).

A questão do "perigo" do romance é do ponto de vista moral, onde se localizam vários problemas nas narrativas, como:

Elas ensinavam a fazer coisas reprováveis, favoreciam o contato com cenas de adultério, incesto, sedução, crimes, possibilitando ao leitor aprender como levar à cabo situações semelhantes, como evitar riscos, como burlar as leis. Mesmo que não se pusessem em prática os atos condenáveis representados pelos romances, sua leitura provocaria sensações físicas pouco recomendáveis no leitor, inflamando desejos, despertando a volúpia, excitando os sentidos. [...] Imaginava-se que este tipo de leitura seria ainda mais perigosa quando realizada por mulheres - seres governados pela imaginação, inclinados ao prazer, e sem ocupações sólidas que os afastassem das desordens do coração. A leitura de romances serviria apenas para aumentar o império dos sentimentos e da imaginação sobre seu espírito (ABREU, 2009: 2)

A terceira questão é a leitura em voz alta. Ao que parece, o perigo estava na leitura de um romance por uma moça no retiro da solidão, daí a sugestão do irmão que assume a figura do conselheiro: "Você deve ler em voz alta para ella [Tata] também, mas antes pergunta ao pae ou ao Zé o livro que serve".

Chartier ressaltou que "a leitura em voz alta feita por quem sabe ler para os que sabem menos ou nada constitui uma prática habitual, na cidade e no campo, por trabalho ou por lazer, ao acaso da rua ou entre companheiros de labuta"(CHARTIER, 1991: 155).

Tata era o apelido de Pellegrina Portinari (1906-1996), a mais velha das irmãs. Ela só aprendeu a ler, não teve uma educação formal. Conforme revelou D. Inês Portinari:

Naquela época ninguém tinha. Menina era diferente, tinha uma porção de coisas que menina não fazia, que só os meninos podiam fazer. [...] "menina não pode correr, menina não pode jogar futebol, menina não pode jogar..." Na época da Tata, ir ao Clube jogar pingue-pongue era uma desmoralização[5].

A leitura em voz alta que Portinari sugere para Inês, era uma prática de leitura comum nos espaços domésticos e propiciava o "fortalecimento da identidade feminina" porque possibilitava "a emoção, o enternecimento, os bons sentimentos e ia construindo uma certa sensibilidade que tinha suas formas de expressão: provocava cenas de lágrimas coletivas, suspiros, devaneios, ódios, raivas e, o que é mais importante, permitia que as leitoras escancarassem a sua subjetividade, as suas emoções, vivenciando-as em conjunto"(CUNHA, 1999: 31).

Segundo apontam especialistas em estudos de gênero, o aparecimento do romance tem sido identificado como destinado ao público feminino. Ao que parece, além dos romances, as revistas e os folhetins foram formadores de uma comunidade de leitoras. A leitura em voz alta fazia parte dos serões familiares, com as cestas de costura, *crochets*, bordados, entre outras "prendas domésticas"(PEDRO, 1994: 34).

À guisa de conclusão, algumas considerações são cabíveis:

Primeiro, a carta que serviu de base para essa comunicação, mostra a importância das escritas ordinárias nos estudos históricos. Até recentemente, elas ficavam à margem de "mausoléus epistolares"(DAUPHIN & POUBLAN, 2002: 75) - numa referência aos missivistas de projeção no cenário literário, artístico ou político -, estas correspondências se enquadravam num vasto campo de materiais dispersos e erodidos pelo tempo.

Segundo, se para Michel de Certeau, "ler é uma operação de caça"(CERTEAU, 1999: 259), propondo que o leitor, diante do texto, agiria como um caçador na floresta, buscando pistas e escolhendo caminhos, a atividade da leitura apresenta todos os traços de uma produção silenciosa, como apontou Margareth Brandini Park ao analisar as práticas de leitura de almanaques: "divagação através das páginas, metamorfoses do texto pelo olho que viaja, improvisa a expectativa de significados, induzidos de algumas palavras, sobre posição de espaços escritos, dança efêmera. O leitor insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação do texto, do outro. Caça nele furtivamente, é transportado, se faz em plural como os ruídos do corpo"(PARK, 1999: 186).

Terceiro, os estudos sobre a história da leitura no Brasil tem mostrado que o livro só tem sentido com os leitores e leitoras. Daí, a importância das escritas ordinárias, especialmente, a correspondência familiar que possibilita a apreensão dos discursos e das representações sobre a leitura e o livro, com destaque para a fruição da leitura. Nessa comunicação, uma missiva permitiu que se vislumbrasse o entrecruzamento das práticas de escrita e de leitura.

Finalmente, se a leitura que Inês praticava era intensiva ou extensiva (CHARTIER, 2007: 267)[6] não nos cabe discutir, o que nos interessa apontar é que desde o século XVIII, o romance "arrebata o seu leitor, captura-o, governa seus pensamentos e suas condutas. Ele é lido e relido, conhecido, citado e recitado. Seu leitor é invadido por um texto que o habita e, ao se identificar com os heróis da

história, é sua própria existência que ele mesmo decifra no espelho da ficção" (CHARTIER, 2007: 265).

Se os fragmentos encontrados não permitiram que desvendássemos integralmente o mundo da leitura da jovem Inês Portinari, podem não ter faltado os romances de "capa-e-espada", um tipo comum de literatura popular, com duelos, adultérios, intrigas, anéis que continham fulminante veneno, ódios ancestrais, roubo de donzelas, assassinatos de herdeiros, corrupção de alto a baixo no núcleo do poder, além do frade espanhol (CONY, 2009)[7]. Mas, no universo ficcional não poderiam faltar as heroínas de Machado de Assis: Capitú, Helena e Iaiá Garcia, de José de Alencar: Lucíola, Iracema e Diva e de Joaquim Manuel de Macedo: a Moreninha, que eram leituras obrigatórias das moças na escola e no recôndito da vida privada.

### Referências bibliográficas:

ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Fapesp/Mercado de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_ et alii. Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX. In: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/outrosensaios.%20Acesso%20em%2022/05/09>.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges (Orgs.). *História da vida privada: 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CONY, Carlos Heitor. O frade espanhol. In: (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/fq1906200923.htm>) , acesso em 19/06/09.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

FAUSTO, Boris. Até que o padre os separe. In: *Folha de São Paulo*: São Paulo, 31 mai. 2009. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fsp310520096.htm>), acesso em 31/05/09.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004.

KELY, Celso. Portinari: *quarenta anos de convívio*. Rio de Janeiro: GTL, s. d.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Helena*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1937.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1999.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de destino - mulher e educação. São Paulo, 1910/1920/1930*. São Paulo: PUC, 1991. (Tese de Doutorado em Educação).

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. "Sahiram à luz": livros em prosa de ficção publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Fapesp/Mercado de Letras, 2008. p. 40-44.

---

[1] Em depoimento para a revista *Belas Artes*, em outubro de 1938, Celso Kelly, que tinha sido diretor do Instituto de Artes da UDF e responsável pelo convite feito à Portinari, rememorou que: "Sua aula lembrava os grandes ateliês europeus. Em torno dele, os alunos se dispunham como se fossem uma família. Havia liberdade e respeito. Havia, sobretudo, admiração. [...] Os motivos feitos, bonitos foram banidos. Era preciso fazer com que a beleza resultasse da técnica e não do assunto. Pretos, homens fortes, trabalhadores, mulatos, brancos, toda sorte de exemplares humanos, em atitudes de movimento (não em cadeiras de museu), eram os temas habituais". Cf. (KELLY, s. d.)

[2] Carta de Cândido Portinari para Inês Portinari, papel timbrado da UDF, s.l., s.d. CO-3122/Projeto Portinari.

[3] As correspondências que constam do site do Projeto Portinari tem relação com as obras de Portinari que compõem o Catálogo Raisonné.

[4] Os romances apontados são *Paul et Virgínie* (1788) de Bernardin de Saint-Pierre e *Manon Lescault* (1731) de Abade Prévost, sendo que o primeiro, teve uma boa recepção no Brasil, aparece em *Lucíola* (1862) de José de Alencar, em *Helena* (1876) de Machado de Assis e no folhetim *O Sacrifício* (1879) de Franklin Távora. (SOUZA, 2008: 40-44).

[5] Entrevista de Inês Portinari para a Série Depoimentos do Projeto Portinari, concedida no Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1983. DE-30, p. 7-8.

[6] Segundo Chartier: "o leitor "intensivo" era confrontado por um corpo limitado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração. Tal maneira de ler era fortemente marcada pela sacralidade e submetia o leitor à autoridade do texto. O leitor "extensivo", que aparece na segunda metade do século XVIII, é totalmente diferente: ele lê numerosos impressos, novos, efêmeros, e os consome com avidez e rapidez. Seu olhar é distanciado e crítico". (CHARTIER, 2007: 267).

[7] O frade espanhol aparece nos romances do século de ouro espanhol, com Lope de Vega (1562-1635), Tirso de Molina (1571-1645) e Calderón de la Barca (1600-1681).